

## NOTA DE PESQUISA

### INTERPRETAÇÃO DE SIGNOS E SÍMBOLOS DA CULTURA TRADICIONAL - AS PAISAGENS DA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO CALDAS – GOIÁS – BRASIL: tópicos metodológicos sobre “História de Vida”<sup>1</sup>

#### *SIGNS INTERPRETATION AND SYMBOLS OF TRADITIONAL CULTURE - THE LANDSCAPES OF RIO CALDAS WATERSHED - GOIÁS - BRAZIL: methodological topics on "History of Life".*

Benjamim Pereira Vilela

Presidente da Ong Jacarandá da Pedra, Membro participante do NUPEAT  
Núcleo de Pesquisas e Estudos em Educação  
Ambiental e Transdisciplinaridade  
Mestrando em Geografia pelo IESA/UFG  
Bolsista Cnpq  
E-mail: bpvilela@gmail.com

Sandra de Fátima Oliveira

Professora adjunta do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais da  
Universidade Federal de Goiás  
Coordenador do NUPEAT  
E-mail: sanfaoli@iesa.ufg.br

### **Introdução**

A contínua degradação dos ambientes em todos os cantos da superfície terrestre, o aumento da pobreza nos espaços urbanos e rurais, a permanência das desigualdades sociais – e outros problemas cruciais do espaço contemporâneo -, requerem ações no plano da interpretação, planejamento e gestão do território. Para o enfrentamento desses problemas estruturais, há a necessidade de os atores envolvidos,

---

1 Agradecemos ao CNPQ pelo apoio financeiro ao primeiro autor.

no nível das instituições, organizações, movimentos sociais ou territórios identitários participarem e compartilhem de todas as atividades.

A Bacia Hidrográfica do Rio Caldas – objeto de estudo da presente pesquisa - por estar localizada próximo ao aglomerado urbano de Goiânia (Figura 1), por se apresentar com uma quantidade significativa de áreas com vegetação conservada, por possuir uma hidrografia ainda em boas condições (DBO ENGENHARIA, 2004) e por possuir elementos culturais significativos, exige uma atenção especial no sentido de conhecê-la, traçar métodos e atitudes para protegê-la.

As ações educativas no campo da Educação Ambiental (EA) podem auxiliar no ordenamento do processo de uso e ocupação no sentido de conservar o que ainda resta de vegetação e cultura na referida bacia, assim como podem contribuir para evitar a poluição da água dos mananciais que interconectam o curso principal do Rio Caldas.

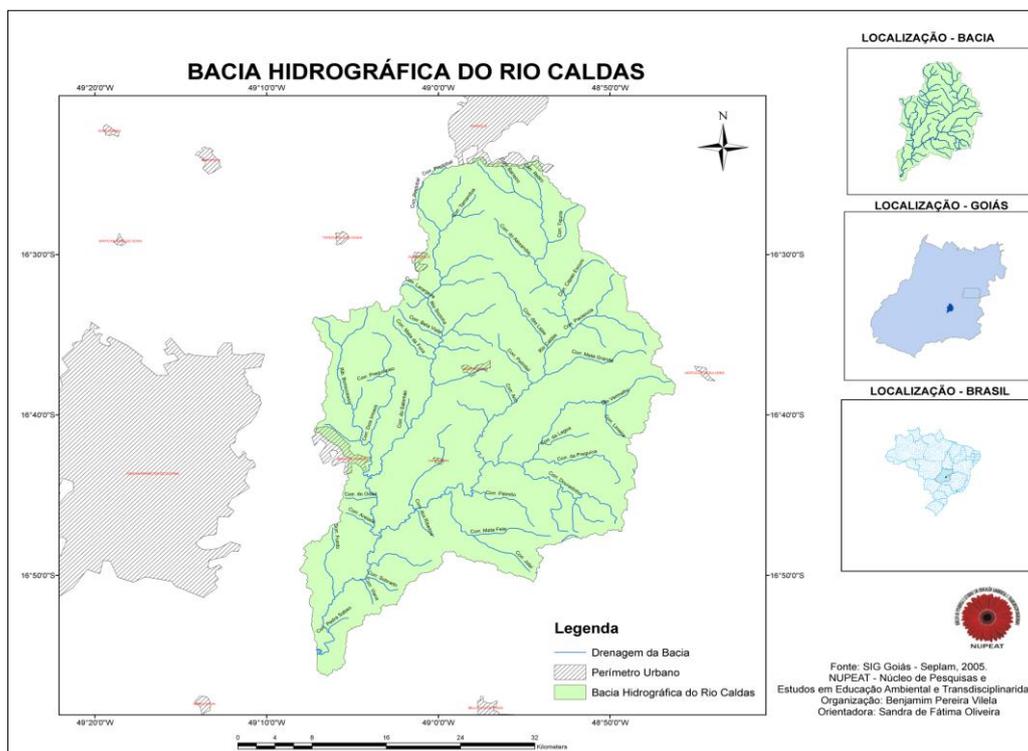


Figura 1 – Fonte SIG Goiás – Seplan, 2005. Org. Benjamim Vilela

É próprio da concepção de uma EA integrada, conceber seus objetivos e métodos nesta perspectiva, isto é, formar o sujeitos ativos, autônomos e conscientes dos



problemas ambientais que os afetam e dispostos a mudarem seus sistemas de valores para que tais problemas sejam prevenidos e/ ou minimizados.

Os aspectos considerados anteriormente colocam a Bacia do Rio Caldas numa posição de destaque no quadro dos interesses – principalmente dos sujeitos que vivem no meio urbano –, pela sua situação ambiental. As características naturais do rio Caldas, somadas a sua localização, dão a esta bacia uma posição estratégica no que diz respeito aos múltiplos processos de uso e ocupação.

Convém mencionar que a área está ameaçada por um grande empreendimento, a construção do “Lago Bela Vista” (DBO ENGENHARIA, 2004), obra que pretende alargar parte dos municípios de Bela Vista, Caldazinha e Senador Cânedo e nas suas margens implantar uma estrutura de Condomínios Residenciais altamente impactante. Esta obra irá eliminar uma grande quantidade de elementos da cultura tradicional; destruir significativa quantidade de espécies animais e vegetais, entre outros problemas inerente à construção de uma barragem e suas consequências.

A concretização do Lago Bela Vista foi interrompida através da contestação do EIA/RIMA, documento exigido para a liberação da Licença Ambiental para a execução da obra; outra forma de ocupação que está ocorrendo de maneira acelerada é o processo de loteamento das margens do Rio Caldas e de seus afluentes – como o Rio Vermelho e Ribeirão Sozinha, para a construção de casas para lazer, chácaras de recreio, muitas vezes não obedecendo a legislação ambiental, que prevê para estas áreas a destinação de Áreas de Preservação permanentes.

Essa situação socioespacial nos leva a considerar que o conhecimento aprofundado da Bacia Hidrográfica do Rio Caldas seja necessário para que se possa avaliar as intervenções humanas, que estão sendo ali realizadas, bem como aquelas que serão empreendidas no futuro.

Diante do exposto, ressalta-se que a compreensão dos territórios e dos aspectos identitários da cultura tradicional imersos na paisagem (CLAVAL, 2004) da Bacia Hidrográfica do Rio Caldas, constituem-se num importante conjunto de elementos a serem interpretados e compreendidos, pois contribuem para o entendimento subjetivo e existencial dos sujeitos que lá vivem. Conseqüentemente, a interpretação desses elementos oferece subsídios para a implementação de ações em EA, possibilitando o entendimento da complexidade dinâmica que é estabelecida pelos seus múltiplos usos.

A interpretação dos elementos tradicionais da cultura (AYALA; AYALA, 1995), permitirá apresentar uma multiplicidade de singularidades presentes nas paisagens da bacia através do modo e história de vida. Essa multiplicidade cultural é enxergada como signos que permitem ler os símbolos que costuram a relação do sujeito com a paisagem. O que contribuirá como uma das frentes para a tomada de decisões do poder público e não governamentais quanto a gestão e o planejamento.

Esta pesquisa surgiu da oportunidade propiciada pelo NUPEAT – Núcleo de Pesquisas e Estudos em Educação Ambiental e Transdisciplinaridade, o qual possibilitou o contato com uma nova abordagem do saber – a transdisciplinaridade –, bem como oportunizou o contato e a conseqüente participação no Projeto: **CONSERVAÇÃO DA BACIA DO RIO CALDAS: SUA CARACTERIZAÇÃO E IMPLANTAÇÃO DE PROGRAMAS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL**. E também de um particular interesse dos autores em entender as multiplicidades simbólicas que foram constatadas durante a realização de trabalhos de campo ocorridos durante as atividades deste projeto.

Um dos objetivos práticos da pesquisa é propor princípios para ações em EA, como instrumentos para subsidiar mudanças transformadoras; apreensão dos saberes tradicionais e práticas capazes de ajudar os atores sociais pesquisados e os não pesquisados a planejarem e a desenvolverem suas atividades econômicas e sociais, as quais serão pautadas na sustentabilidade (SACHS, 1995; 2001) e também buscar reencontrar identidades biológicas e culturais, perdidas ao longo da história evolutiva da humanidade (OLIVEIRA, 2006).

### **Trajetórias percorridas para realização da pesquisa**

A partir dos objetivos da pesquisa, buscou-se refletir os conceitos de “paisagem, de territórios e de identidade” e articular tais aportes teóricos – metodológicos com o “modo de vida”, visando compreender como as práticas da cultura tradicional contribuem para a elaboração de princípios em EA calcados na sustentabilidade, na ética e nos valores humanos.

O caminho metodológico adotado visa articular elementos da história de vida e dos registros orais como suporte para interpretação das práticas cotidianas dos sujeitos



que vivem e re-existem na área da bacia, como as maneiras de agir que divergem dos modelos impostos pela lógica capitalista, as quais impõem padrões e não valorizam o jeito tradicional de se viver.

Para alcançar os objetivos pretendidos, partiu-se de alguns princípios teóricos e metodológicos, tendo como fundamento o suporte teórico da geografia, através da realização da leitura das paisagens e dos múltiplos territórios existentes na bacia; em seguida, procurou-se entender o modo e história de vida dos sujeitos que ajudam a construir o lugar para, posteriormente, captar princípios ancorados na sustentabilidade que alicerçarão as ações de EA a serem propostas.

Além disso, agregou-se os princípios da Ecologia Profunda apresentados por Capra (1996), Hoefel (1999), em que estes ponderam que é necessário uma “visão de mundo” integrada, holística, em contraposição a uma coleção de partes. Estes princípios são capazes de valorar aspectos materiais que perderam o valor frente as novas formas de se construir e conceber os objetos.

As representações dos sujeitos, calcadas na “história de vida”, foram essenciais, pois só assim foi possível chegar aos aspectos do cotidiano desses sujeitos que vivem no âmbito da bacia, pela via do simbólico.

A apresentação dos princípios de “história de vida” e “história oral” foram essenciais para o êxito da pesquisa e por estes motivos apresentaremos, no tópico seguinte, a fundamentação para a utilização desta metodologia.

### **A história de vida como possibilidade metodológica**

A história de vida constitui-se numa metodologia que trata a narrativa do conjunto de experiências de vida de uma pessoa (MEIHY, 1996), qualificando-o como um procedimento metodológico que satisfaz os objetivos a serem alcançados nos trabalhos desta pesquisa.

A metodologia “história de vida” emerge dos estudos de História Oral e trata-se de uma tipo que busca, pela via do trabalho de pesquisa, a utilização de fontes orais em diferentes modalidades, independentemente da área de conhecimento e da metodologia utilizada. A história oral pode ser definida segundo MEIHY (1996, p. 18):

É uma prática de apreensão de narrativas feitas através do uso de meios eletrônicos e destinada a recolher testemunhos, promover análises de



processos sociais do presente visando facilitar o conhecimento do meio imediato. [...]

Para tanto, ressalta-se que esta metodologia surgiu num momento histórico – após a primeira Guerra Mundial – com uma escola sociológica criada em Chicago-EUA, a qual utilizava as entrevistas, a observação participante e a biografia como meios para se analisar a realidade social (JOUTARD, 1983). Com ajuda da chamada autobiografia os sociólogos da escola de Chicago, estudaram pessoas comuns, criminalidade, desorganização familiar e a pobreza urbana através da autobiografia (história de vida). Esses estudos eram ricos cientificamente, pois mostravam a complexidade dos problemas daquela época. Apesar disso, após a segunda Guerra Mundial, esse modelo foi substituído pelas escolas quantitativas.

Os estudos qualitativos, mesmo assim, continuaram sendo desenvolvidos por vários pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento (JOUTARD, 1983). E só na década de 1960, houve um retorno dos estudos com a utilização das metodologias qualitativas. Ressalta-se que não é objetivo deste referencial discutir a origem da história de vida, assim não se discutirá o surgimento e desenvolvimento deste método, mas sim suas aplicações.

A história oral consiste em registrar, por meio da memória(BOSI, 1987) enunciada pelos sujeitos e os processos dinâmicos de suas vidas, as relações com os conteúdos de um lugar, de um tempo histórico e as tramas existenciais de trocas entre membros de um grupo. Desta forma, a história oral é capaz de apreender aspectos sociais marcados nas lembranças dos sujeitos pesquisados, auxiliando na compreensão e no modo como estes registram em suas memórias os processos constituidores de suas vidas. Segundo Thompson (1992, p. 44):

“A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados, e especialmente os idosos, a conquistar dignidade e autoconfiança. Propicia o contato – e, pois, a compreensão – entre classes sociais e entre gerações. E para cada um dos historiadores e outros que partilhem das mesmas intenções, ela pode dar um sentimento de pertencer a determinado lugar e a determinada época. Em suma, contribui para formar seres humanos mais completos. Paralelamente, a história oral propõe um desafio aos mitos consagrados da história, ao juízo autoritário inerente a sua tradição. E oferece os meios para uma transformação radical no sentido social da história.”

O autor mostra um aspecto extremamente relevante com a utilização dos recursos narrativos na realização de uma pesquisa, enfatizando também que o método possibilita extrair da comunidade conhecimentos exclusivos daquele local, além de ajudar a entender o sentimento de pertencimento do pesquisado, colaborando na valorização do seu modo de vida por meio da subjetividade e do simbolismo apresentados em narrativas orais.

Conforme já se assinalou, a subjetividade e o simbolismo contribuem para a interpretação qualitativa. Desta maneira, a história de vida é capaz de captar o que aconteceu e acontece nas interações do individual com o social, assim como permite vislumbrar quais são os elementos do presente que se fundem com evocações passadas (PAULILO, 1999). Isso poderá dar amplas possibilidades para interferências nos aspectos (re)existenciais da cultura e do modo de vida na Bacia do Rio Caldas.

A investigação científica por meio dos registros orais traz a tona os aspectos da memória, pela via do imaginário e das lembranças, e mostra o papel da “história de vida” na constituição da cultura dos sujeitos, dada pela dinâmica inerente aos lugares, demonstrando que “a história oral na pesquisa não é apenas discutir métodos de interrogatório, mas a evolução da relação que a nossa sociedade tem com o seu passado”(JOUTARD, 1983, p. 9).

Esta relação mencionada por Joutard(1983) é importante para que a memória e as referências do passado não venham a desaparecer.

As vivências que os sujeitos experimentaram nos lugares mostram como ao longo do tempo, as identidades territoriais e culturais vão sendo constituídas e transformadas. E por isso, cabe ressaltar que os registros orais são um testemunho das mudanças ocorridas no espaço geográfico, o que é confirmado por Joutard (1983, p. 253):

A história oral oferece testemunho para acontecimentos no sentido clássico, seja de ordem política, econômica ou cultural isoladamente ou como parte de uma cadeia. Em segundo lugar, a entrevista oral faz a sua contribuição para a Etno-história, em outras palavras: uma história mais lenta, sem fatos, uma história de vida cotidiana. Destaca também a prova indireta, e não as pessoas que tenham vivido o que eles dizem, mas transmitir o que eles disseram, é a tradição oral. Em outra linha, a forma de relatos orais de memória funciona em um grupo.

Os registros orais são testemunhos das manifestações culturais, costumes, modo de vida e valores, que conseqüentemente marcam territorialmente um determinado lugar. Pois, o sujeito ao ser investigado, o faz sob sua vontade e condição. Assim, a ordem dos acontecimentos e os registros apresentados, com base na oralidade, procuram valorizar a subjetividade dos detalhes (MEIHY, 1996). Como exemplo, podem ser mencionados todos os elementos que não precisam seguir uma ordem cronológica e tão pouco, ter rigor na organização das informações, pois segundo Meihy (1996, p.148):

a história oral de vida, ao trabalhar com a experiência, sugere entradas para o entendimento do espaço pessoal subjetivo, supõe-se que haja também um roteiro menos factual e mais vinculado a outras alternativas que revelam, por exemplo, as narrativas pessoais através de impressões, sentimentos, sonhos. Ou seja, o caminho da narrativa não precisa necessariamente obedecer à continuidade dos fatos.

Fatos e aspectos identitários emergem dos objetos, da fala, dos gestos, constituindo-se num registro que guarda uma diversidade profunda de manifestações inerentes à trajetória do sujeito, no contexto em que sua vida cultural foi constituída. A história de vida fundamenta-se em princípios que visam o respeito à exposição do outro, observando seus valores e sua visão de mundo (MEIHY, 1996). É claro que a postura do pesquisador deve estar pautada na ética e no cuidado, para que o sujeito ao ser entrevistado apresente, pela via da oralidade, seus sentimentos, seus valores, seus dogmas, etc.

A história de vida, como anteriormente considerada, constituiu-se numa metodologia na qual o relato do sujeito é a sua verdade, ou seja, é a versão que o narrador oferece. Em muitas situações, as narrativas podem omitir ou revelar dados não procedentes. Para Meihy (1996, p. 149), a realização da pesquisa requer cuidados, quanto às perguntas e à condução do contato com o sujeito pesquisado, uma vez que “os grandes blocos de perguntas devem ser divididos em três ou quatro partes ou no máximo cinco. Quanto menos o entrevistador falar, melhor. A participação do entrevistador deve ser sempre estimuladora e jamais de confronto, seja qual for a opção (subjetiva ou não)”.

Quanto aos procedimentos utilizados para o desenvolvimento da metodologia “história de vida”, além da obtenção dos registros orais, podem ser analisadas cartas, diários, fotografias, pois tais objetos, juntamente com os relatos narrados, ajudam o



pesquisador a construir as bases para o entendimento e interpretação do complexo social em que o pesquisado está imerso.

O levantamento oral deve ser feito nos moldes de um colóquio, no qual as falas ocorram livremente, e o entrevistado deve ter a liberdade para narrar com espontaneidade suas experiências pessoais (THOMPSON, 1992), pois em muitos casos o sujeito pode se emocionar, mudar de assunto, não querer falar mais sobre o que estava sendo dito. Nestes casos deve-se aceitar e procurar não voltar mais naquele relato.

No procedimento indicado por Thompson (1992) e Meihy (1996), deve-se valorizar a experiência de quem está sendo entrevistado, para que os resultados possam satisfazer os objetivos buscados. Não se deve buscar a verdade, com este método, mas uma moral existencial do sujeito que narra sua vida.

A metodologia “história de vida” pode ser trabalhada, segundo (MEIHY, 1996) tendo como base alguns princípios:

- Através de temas;
- Sequências de idéias; e
- Assuntos marcantes na vida dos narradores

MEIHY (1996, p. 152) apresenta outra diferenciação nos procedimentos, os quais podem contribuir para a melhor aplicação do método no trabalho de pesquisa

1 – Fragmentos narrativos da história de vida: “muitas vezes é comum a referência a processos de vida de pessoas falecidas, distantes ou mesmo de que apenas já se ouviu falar[...]”

2 – História de vida de família: trata-se de estudos dos grupos familiares e suas trajetórias em determinados lugares.

3 – História de vida de categorias: esta modalidade diz respeito à categorias profissionais, como, por exemplo, violeiros, caminhoneiros etc.

Para a realização de uma pesquisa com a utilização da história de vida integrada ao conjunto de métodos e metodologias na modalidade de pesquisa qualitativa, deve-se elaborar entradas, por meio dos roteiros, pautados na subjetividade, de modo a procurar

nas narrativas pessoais impressões, sentimentos, sonhos, que possam contribuir na construção da análise dos materiais registrados.

Outros fatores extremamente relevantes referem-se às religiões, às místicas, às crenças dos pesquisados. Estes devem ser respeitados e não devem receber nenhum tipo de interferência por quem está realizando a entrevista. Assim, considera-se que através da história de vida, conseguiremos apreender dos sujeitos pesquisados uma grande quantidade de elementos ligados às suas densas trajetórias no lugar, as quais poderão ser registrados e utilizadas como recursos para práticas e ações em EA, como também, municiar simbolicamente os sujeitos para que possam, tendo contato direto com o seu próprio discurso e imaginário, deliberar novos percursos de vida.

A análise e interpretação das narrativas e das observações devem ser classificadas em tipologias para o melhor entendimento e posterior utilização.

### **As narrativas de história de vida – saberes, dizeres e existência**

A história de vida apreendida nas narrativas de sujeitos que existem e resistem às transformações naturais, econômicas, sociais e culturais são marcas simbólicas que dão identidades às múltiplas paisagens existentes na Bacia Hidrográfica do Rio Caldas. A cultura tradicional estabelece relações com os territórios e suas imbricações identitárias.

O surgimento dos vínculos espaciais fortalece a ligação da vida humana aos lugares. Essas ligações são espaciais e viabilizam o estreitamento e a aproximação daquilo que é igual ou comum, possibilitando uma circulação de saberes, dizeres, sabores, cores, sons, trotes, gestos, símbolos e signos. Argumento reforçado por Mendes (2008, p. 144) ao falar das comunidades tradicionais rurais, próximo a cidade Catalão em Goiás:

A identificação de ocorrência geográfica das comunidades rurais dá-se em pequenas aglomerações mais ou menos concentradas e apresentam um alto índice de parentesco. As famílias estabelecem uma organização de vizinhança, criando um sentimento de localidade e identificação. Esses aspectos conferem às famílias, de uma determinada comunidade rural, uma identidade geográfica social. A interação desses aspectos caracteriza um dos mundos manifestos e suas representações. Esses universo de representações é construídos através do cotidiano dos moradores das comunidades rurais com a simplicidade de pessoas comuns que interagem com a própria comunidade, com as demais comunidades rurais e com a sociedade como um todo (relação de interconhecimento). (MENDES, 2008, p. 144).



Tais considerações, na perspectiva dos simbolismos existentes nas paisagens, também podem ser encontradas, em Chaveiro (2005), que ao discutir as paisagens enquanto símbolos no contexto do Cerrado levanta justamente o que se pode verificar nas narrativas de história de vida dos sujeitos que vivem no âmbito da Bacia do Rio Caldas. Dentre as vinte e cinco entrevistas realizadas, boa parte delas trazia essas características, mesmo inseridas num contexto de sincretismo, em que a mistura dos valores e da tradição com o novo, o moderno, dava origem a um sujeito transformado, mostrando sua ligação com as estruturas familiares e com o estilo das tradições goianas. Estas prerrogativas podem ser exemplificadas nas falas das várias simbolizações:

Outras simbolizações unem paisagem e tempo, como as festas de aniversários de casamento, ou mesmo os ritos de celebração do dia em que se conheceu o grande parceiro ou a parceira da vida inteira. Nessa dimensão estão colocadas as festas de São João, de Santo Antônio, do São Pedro, de Nossa Senhora Aparecida, do Divino Pai Eterno etc. (CHAVEIRO, 2005, p.49).

Num dos trabalhos de campo realizado em dezembro de 2008, ao chegar na casa da “Dona E” e do “Sr. J.”, sujeitos que participam desta pesquisa, a dona E veio ao encontro dos dois pesquisadores (Flávio e Benjamim) com um largo sorriso no rosto, dizendo que ficou querendo ter encontrado o Benjamim, a Fernanda e a Sandra (pessoas que estiveram no trabalho de campo feito em Maio de 2007 no âmbito da bacia), para convidá-los para participarem da festa em que o casal comemorou 50 anos de casados. Este exemplo é claramente consoante ao que Chaveiro (2005) coloca: a significação das paisagens por meio dos ritos, das representações, molda o espaço pelo modo de vida. E demonstra com clareza um evento pontual que está ligado, ao que Mendonça (2004, p.277), diz ser a cultura cerradeira. Lembramos que a cultura cerradeira, no contexto dos sujeitos que vivem na Bacia do Caldas já foi tratada com maior profundidade no texto da dissertação de mestrado que está sendo elaborada.

### **Considerações finais**

Consideramos que a utilização da metodologia “História de Vida” é uma grande possibilidade interpretativa para a pesquisa que estamos realizando, principalmente



porque contribui para captar especificidades individuais e/ou coletivas que nos permite entender como o sujeito se constrói no meio em que vive e de que forma suas práticas e saberes alteram esse mesmo meio.

Acreditamos ter contribuído com esta “nota de pesquisa” para que as bases metodológicas da “história de vida” sejam utilizadas e aperfeiçoadas por outros pesquisadores, como também para despertar o interesse em compreender a riqueza e a diversidade ambiental existente na Bacia Hidrográfica do Rio Caldas, importante patrimônio ambiental e cultural de Goiás.

### **Referências Bibliográficas**

AYALA, Marcos; AYALA, Maria Ignez Novais. *Cultura popular no Brasil – Perspectiva de análise*.

BOSI, Ecléia. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: EdUSP, 1987. 2 ed.

CAPRA, Fritjof. **A teia da Vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix, 1996.

CLAVAL, Paul. A paisagem dos geógrafos. In: CORRÊIA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2004. Cap. 1, p. 13-74. (Geografia cultural).

DBO ENGENHARIA LTDA. **Barramento no Rio Caldas, Bela Vista Goiás – EIA / RIMA**. Goiânia, DBO Engenharia Ltda, 2004.

JOUTARD, Philippe. **Esas voces que nos llegan del pasado**. Fondo de Cultura Económica, S. de C. V., Mexico, 1983.

HOEFEL, João Luiz de Moraes. **Valores e significados - A visão de Arne Naess para questões ambientais**. 1999. 215 f. Tese (Doutorado) – Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas – Campinas, São Paulo, 1999.

MENDONÇA, Marcelo Rodrigues. **A urdidura espacial do capital e do trabalho no cerrado do sudeste goiano**. 2004. 458 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciência e Tecnologia: departamento de Geografia, Universidade Estadual de São Paulo – Campus Presidente Prudente, São Paulo, 2004.



MEIHY, Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. Loyola, São Paulo, 1996.

NICOLESCO, Basarab. Um Novo Tipo de Conhecimento: transdisciplinaridade. In: \_\_\_\_\_. **Educação e Transdisciplinaridade**. Brasília: Unesco, 2000. p.13-29.

PAULILO, Maria Angela Silveira. A pesquisa qualitativa e a história de vida. **Serviço Social em Revista**. Publicação do Departamento de Serviço Social / Centro de Estudos Sociais, Universidade Estadual de Londrina. V. 1, n. 1 (Jul/Dez, 1998). Londrina, 1998.

OLIVEIRA, Sandra de Fátima. Educação ambiental: aspectos históricos e perspectiva. In: **Boletim Goiano de Geografia**. V. 26, 2, jul./dez. Goiânia, 2006.

SACHS, Ignacy. Em busca de novas estratégias de desenvolvimento. *Estud. av.*, São Paulo, v. 9, n. 25, dez. 1995 .

SACHS, Ignacy. Brasil rural: da redescoberta à invenção. *Estud. av.*, São Paulo, v. 15, n. 43, dez. 2001 .

Recebido para publicação em fevereiro de 2009

Aprovado para publicação em março de 2009